



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO – CCE  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**CAROLINE COPATTI SELBACH**

***Mulheres na Ilha do Silício:***

**a presença feminina no setor de tecnologia em Florianópolis**

**RELATÓRIO TÉCNICO  
do Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à disciplina Projetos Experimentais,  
ministrada pelo Prof. Fernando Antonio  
Crocomo, no segundo semestre de 2019.  
ORIENTADORA: Prof. Leslie Sedrez Chaves**

Florianópolis  
Fevereiro de 2020

| <b>FICHA DO TCC – Trabalho de Conclusão de Curso</b> |  |  |
|--|--|--|
| <b>JORNALISMO UFSC</b>                               |  |  |
| <b>ANO</b>   | 2020   |  |
| <b>ALUNO (A)</b>                                     | Caroline Copatti Selbach   |  |
| <b>TÍTULO</b>  | Mulheres na Ilha do Silício: a presença feminina no setor de tecnologia em Florianópolis   |  |
| <b>ORIENTADOR (A)</b>                                | Leslie Sedrez Chaves   |  |
| <b>MÍDIA</b>   | <input type="checkbox"/> Impresso  |  |
|  | <input checked="" type="checkbox"/> Rádio  |  |
|  | <input type="checkbox"/> TV/Vídeo  |  |
|  | <input type="checkbox"/> Foto  |  |
|  | <input type="checkbox"/> Web site  |  |
|  | <input type="checkbox"/> Multimídia  |  |
| <b>CATEGORIA</b>                                     | <input type="checkbox"/> Pesquisa Científica   |  |
|  | <input type="checkbox"/> Produto Comunicacional  |  |
|  | <input type="checkbox"/> Produto Institucional (assessoria de imprensa)  |  |
|  | <input checked="" type="checkbox"/> Produto Jornalístico (inteiro)   | <b>Local da apuração:</b>  |
|  | <input type="checkbox"/> Reportagem<br><input type="checkbox"/> livro-reportagem ( )   | (X) Florianópolis ( ) Brasil<br>( ) Santa Catarina ( ) Internacional<br>( ) Região Sul País: _____ |
| <b>ÁREAS</b>   | Jornalismo; Tecnologia; Florianópolis  |  |
| <b>RESUMO</b>  | <p>Este Trabalho de Conclusão de Curso é um podcast temático sobre o cenário das mulheres que atuam em áreas do setor de tecnologia em Florianópolis. No Brasil, conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas 20% dos profissionais que atuam no mercado de Tecnologia da Informação são mulheres. Em geral, elas são mais qualificadas que os colegas homens, mas, mesmo assim, ganham 34% menos do que eles. Diante disso, o podcast busca apresentar e debater esse cenário a partir de personagens que atuam na capital catarinense – considerada a Ilha do Silício, em referência ao polo de tecnologia e startups nos Estados Unidos da América (EUA). Em cinco episódios, cada um sobre um assunto específico, serão debatidas questões relacionadas à presença de mulheres em um setor majoritariamente masculino, seus desafios e alternativas que encontram para se fortalecer nestes ambientes – como mulheres e profissionais.</p> |  |

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu pai, que nunca mediu esforços para garantir que eu estudasse em uma universidade federal; e à minha mãe, que mesmo não mais presente entre nós, deixou como maior legado a educação como ferramenta para transformar vidas. Aos amigos, que me aconselharam durante essa trajetória, compreenderam os momentos que estive ausente e tiveram paciência em situações delicadas. Aos líderes e colegas de trabalho, que entenderam e facilitaram a execução deste trabalho. Aos professores e servidores do curso de Jornalismo da UFSC, que contribuíram para a minha formação por meio de seus ensinamentos. À minha professora orientadora, que me aconselhou e instruiu nesse processo, foi compreensiva e me deixou segura quanto a proposta. À banca examinadora, que foi escolhida com muito carinho por serem professoras e profissionais que admiro e me inspiro. E, por fim, à todas as mulheres entrevistadas, que compartilharam suas histórias e fizeram esse trabalho se concretizar.

Nunca estou realmente satisfeita quanto a entender alguma coisa; porque, até onde eu entendo, a minha compreensão só pode ser uma fração infinitesimal de tudo o que eu quero compreender.

(Ada Lovelace)

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. LISTA DE FIGURAS.....</b>                      | <b>07</b> |
| <b>2. RESUMO.....</b>                                | <b>08</b> |
| <b>3. APRESENTAÇÃO DO TEMA.....</b>                  | <b>07</b> |
| <b>4. JUSTIFICATIVA.....</b>                         | <b>11</b> |
| 4.1. DO TEMA.....                                    | 11        |
| 4.2. DA MÍDIA E DO FORMATO.....                      | 11        |
| <b>5. PROCESSO DE PRODUÇÃO.....</b>                  | <b>14</b> |
| 5.1. PRÉ-APURAÇÃO.....                               | 14        |
| 5.2. APURAÇÃO.....                                   | 19        |
| 5.3. EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO.....                       | 24        |
| 5.3. PROPOSTA DE VEICULAÇÃO.....                     | 24        |
| <b>6. RECURSOS.....</b>                              | <b>26</b> |
| <b>7. DIFICULDADES, DESAFIOS E APRENDIZADOS.....</b> | <b>27</b> |
| <b>8. REFERÊNCIAS.....</b>                           | <b>29</b> |

## **1. LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Caroline, Luiza e Christiana

Figura 2 – Caroline, Júlia e Corinne

Figura 3 – Caroline, Helena, Catarina e Bruna

Figura 4 – Caroline, Geórgia e Natália

Figura 5 – Viviane, Caroline e Sonia

## **2. RESUMO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso é um podcast temático sobre o cenário das mulheres que atuam em áreas do setor de tecnologia em Florianópolis. No Brasil, conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas 20% dos profissionais que atuam no mercado de Tecnologia da Informação são mulheres. Em geral, elas são mais qualificadas que os colegas homens, mas, mesmo assim, ganham 34% menos do que eles. Diante disso, o podcast busca apresentar e debater esse cenário a partir de personagens que atuam na capital catarinense – considerada a Ilha do Silício, em referência ao polo de tecnologia e startups nos Estados Unidos da América (EUA). Em cinco episódios, cada um sobre um assunto específico, serão debatidas questões relacionadas à presença de mulheres em um setor majoritariamente masculino, seus desafios e alternativas que encontram para se fortalecer nestes ambientes – como mulheres e profissionais.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Mulheres. Tecnologia. Florianópolis. Podcast.

### 3. APRESENTAÇÃO DO TEMA

O setor de Tecnologia da Informação (TI) engloba diferentes atividades, incluindo conhecimentos específicos relacionados à tecnologia, desenvolvimento de aplicativos e *softwares e hardwares*, consultoria, integração, treinamento e suporte técnico (GUTIERREZ; ALEXANDRE, 2004, p.14). No Brasil, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (2009), mais de 580 mil profissionais atuam no setor e, destes, apenas 20% são mulheres. Tais diferenças iniciam ainda na formação profissional e seguem até o mercado de trabalho. Fagundes explica que:

As desigualdades são evidentes na preferência por homens no setor, principalmente quando são consideradas as atividades com maior reconhecimento e melhor remuneração. [...] A razão desta desigualdade vem sendo discutida ao longo dos anos, mas pouco foi comprovado. Sabe-se, porém, de acordo com os dados que a situação é desigual. (2017, p. 22)

Tais desigualdades acarretam em aspectos ainda mais específicos, como “como os preconceitos de gênero e a discriminação sofrida pelo fato de ser mulher” (Fagundes, 2017, p. 90).

Nesse sentido, é possível associar tais desigualdades ao conceito de gênero, este que, para Scott (1990, p. 21), constitui relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos e nas ideias que as pessoas têm sobre papéis próprios aos homens e às mulheres, além de ser a primeira forma de significar relações de poder. Na prática, são as concepções de que homens desempenham o papel de líderes de seus lares, gerando sustento da família por trabalharem fora e, desta forma, têm certo poder sobre as mulheres, estas que devem trabalhar em casa, cuidando do lar e dos filhos. Contudo, segundo a autora, as relações sociais que constituem o gênero não devem ser reduzidas apenas ao universo doméstico ou da família (sistema de parentesco), mas devem ser analisadas de forma mais ampla, incluindo também:

[...] o mercado de trabalho (um mercado de trabalho sexualmente segregado faz parte do processo de construção do gênero), a educação (as instituições de educação socialmente masculinas, não mistas ou mistas fazem parte do mesmo processo), o sistema político (o sufrágio masculino universal faz parte do processo de construção do gênero). (SCOTT, 1990, p. 22)

Assim, torna-se relevante observar as disparidades de gênero no mercado de trabalho do setor de TI, uma vez que as mulheres dessa área ocupam espaços socialmente compreendidos como designados aos homens, o que pode gerar situações de questionamento,



opressão e intimidação para com elas.

Limitando essa temática a um recorte local, é importante considerar Santa Catarina, especialmente a Grande Florianópolis, como destaque no cenário nacional da tecnologia. O estado é o sexto maior do Brasil no setor, com 11.274 empresas e uma movimentação de R\$ 15,8 bilhões por ano. A região da Grande Florianópolis é a que mais emprega no setor, com 51,2% dos trabalhadores de todo o estado e 32,4% das empresas (2.438 apenas em Florianópolis, dando à cidade o título de segunda maior do Brasil em número de empresas de tecnologia por habitante – 4,9 – atrás apenas de São Paulo). E, assim como no cenário nacional, o mercado local apresenta disparidades de gênero, principalmente no que diz respeito à presença de mulheres no mercado de trabalho: conforme o Observatório ACATE - TECH REPORT 2019, dos cerca de 51,8 mil colaboradores de empresas de tecnologia catarinenses, 57,7% são homens. Desta forma, o perfil que representa o trabalhador do setor de tecnologia em Santa Catarina é: homem, com média de 33 anos de idade, e experiência de mercado. A predominância masculina se apresenta ainda maior nos cursos de ensino superior voltados às áreas de tecnologia, com apenas 24% das vagas sendo preenchidas por mulheres (ACATE, 2019).

Diante desse cenário majoritariamente masculino – tanto a nível local quanto nacional –, mulheres que trabalham no setor de TI passaram a se unir em busca de fortalecimento feminino nesses ambientes, pautando desenvolvimento de carreira, participação e inclusão no mercado de trabalho, desigualdades étnicas, comportamento, entre outras situações que surgem em suas vivências. Nesse sentido, vão ao encontro com o que diz a feminista indiana Batliwala (1994):

O termo empoderamento se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até à resistência, protesto e mobilização coletivas, que questionam as bases das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. Portanto, o empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos.<sup>1</sup> (BATLIWALA, 1994, p. 130 *apud* SARDENBERG, 2009, p. 6).

Assim, é possível entender que o empoderamento, no caso das mulheres que trabalham com TI, surge porque elas não só reconhecem que sua atuação é, muitas vezes,

---

<sup>1</sup> Batliwala, S. (1994). “The meaning of women’s empowerment: new concepts from action”. In: G. Sen, A. Germain & L.C.Chen (eds.), *Population policies reconsidered: health, empowerment and rights*, pp.127-138. Boston: Harvard University Press

determinada por questões de gênero, como se mobilizam para transformar essas forças que as marginalizam no mercado.

Como expressivo polo de tecnologia, Florianópolis é ponto de encontro e sede para diversos grupos de mulheres entusiastas da tecnologia, sejam elas estudantes, programadoras, trabalhadoras de empresas do setor, líderes ou CEOs. Por meio de encontros, workshops e palestras, as mulheres da capital catarinense criam redes de contatos e trocas profissionais e pessoais. Além disso, estimulam umas às outras e, de certa forma, viram referências no assunto. Não há um dado preciso sobre quantos grupos de fortalecimento existem em Florianópolis, mas buscando rapidamente no Google aparecem iniciativas como: Mulheres ACATE, Anitas, Technovation, Inspiring Girls, Women TechMakers, PyLadies, Mulheres de Produto, Tech Power e Django Girls. São ambientes seguros para questionamentos, conversas e trocas de experiência, visando o empoderamento dessas profissionais ou admiradoras da tecnologia.

## 4. JUSTIFICATIVA

### 4.1. DO TEMA

A escolha do tema se deu por diferentes fatores. No âmbito pessoal, por tratar de questões de gênero e empoderamento feminino – aos quais me aproximei e tive mais conhecimento na própria universidade, e que espero contribuir de alguma maneira por meio do meu trabalho. No profissional, por estagiar e, posteriormente, trabalhar em uma empresa de tecnologia, fazendo com que ficasse próxima desse tema e pudesse também observar as diferenças entre homens e mulheres no setor cotidianamente. E, é claro, para o campo jornalístico, como uma contribuição ao retratar as atuais discussões de gênero no setor de tecnologia em Florianópolis, que, como apresentado anteriormente, é de relevância nacional. Assim, ao englobar essas três motivações, decidi explorar o tema e entender como é o cenário pelo ponto de vista das mulheres e como elas agem para transformar essa realidade.

### 4.3. DA MÍDIA E DO FORMATO

A escolha do podcast se deu pelo gosto pessoal da produção jornalística em linguagem fonográfica, as possibilidades dessa nova mídia em formato e em veiculação, bem como o potencial de crescimento no Brasil, que vem tendo receptividade favorável à produção de podcasts. Abaixo, falarei sobre esses pontos com mais detalhes.

A linguagem radiofônica me acompanhou desde o início do curso de Jornalismo, por meio das disciplinas obrigatórias e optativas de Radiojornalismo, dos projetos de extensão – Bola na Trave e Jornalismo em Debate – e também pela bolsa no Núcleo de Produção Radiofônica Cultural, da Rádio Ponto UFSC, pela qual fui contemplada no primeiro e no segundo semestre de 2016. As possibilidades de criar narrativas utilizando voz, sons e músicas sempre me motivaram e, por ser um dos formatos que mais tenho conhecimento e experiência, decidi também utilizar na produção do meu Trabalho de Conclusão de Curso. No entanto, como consumidora de conteúdos fonográficos, decidi por explorar um formato relativamente novo, mas em crescimento no Brasil: o podcast. Assim, poderia aplicar os conhecimentos radiojornalísticos em um formato inovador e explorar o tema de uma maneira diferente. Para ficar mais compreensível, trago a seguir alguns conceitos e possibilidades do

formato escolhido.

Luiz e Assis definem *podcasting*, ou seja, o ato de produzir e veicular um podcast, como uma

[...] forma de transmitir um arquivo de áudio ou vídeo via internet para ser ouvido em um [...] aparelho que reproduza ou receba esse arquivo. E entendemos que o podcast é tanto o arquivo de áudio ou vídeo transmitido via podcasting quanto o coletivo desses arquivos.(LUIZ; ASSIS, 2010. p. 2).

Assim, entende-se que o podcast pode ser tanto o arquivo de áudio produzido, como também o conjunto deles. É o que defende também Vicente ao dizer que “o podcasting [...] refere-se à produção e transmissão de episódios de um único programa. Dessa forma, a relação com o ouvinte estabelece-se na periodicidade de produção de novos episódios: diária, semanal, mensal etc.” (VICENTE, 2019. p. 97). Por isso, optei por produzir um programa em seis episódios, sendo um introdutório ao tema e os demais com conteúdos em entrevistas. Pensando em um formato comercial, os episódios fariam parte de uma primeira temporada do podcast e seriam veiculados semanalmente.

Outra possibilidade do podcast que me fez adotar o formato é a de consumo. Apesar de, tal qual o rádio, o podcast utilizar a linguagem oral, há um elemento essencial que diferencia os dois: a forma como o ouvinte vai consumir o conteúdo (SOUSA, 2017). No rádio, ele “recebe passivamente as informações através de um aparelho de rádio somente nos locais e horários disponibilizados por uma central de distribuição” (SOUSA, 2017. p. 25). Já no podcast, é possível consumir as informações sob demanda, via *Web*, a qualquer hora e local. Com a popularização dos smartphones e do acesso à internet de diferentes lugares, essa prática se tornou cada vez mais comum e mudou também a forma de consumo, saindo da necessidade de fazer o download e passando para o *streaming* (VICENTE, 2019). Desta forma, optou-se por episódios com variação de tempo, pois o ouvinte tem a possibilidade de ouvir em um momento oportuno e até mesmo pausar quando for necessário.

Por fim, outro fator relacionado ao consumo de podcast é que o formato pode ser classificado como uma mídia de nicho, ou seja, uma mídia que tem como objetivo atingir determinados públicos (ALMEIRA, 2018). Neste caso, utilizei com o objetivo de impactar a comunidade ligada à tecnologia, por entender que um formato dinâmico e de acesso via internet seria de fácil disseminação entre o público e também por ver diversos materiais sobre o tema em outros formatos, mas não encontrar algum em podcast. Ainda assim, em linguagem didática e leve, para ter consumo ampliado para outros públicos. Posteriormente, em pesquisas

relacionadas ao assunto, vi que a tecnologia é a área de atuação que mais consumiu podcasts em 2018 (PODPESQUISA, 2018).

Além do gosto pessoal pela linguagem fonográfica e as possibilidades apresentadas pelo podcast, outro ponto que me fez escolher a mídia foi o crescimento recente do formato no Brasil, que foi de 67% em 2019<sup>2</sup>. Para se ter uma ideia, dos cerca de 120 milhões de pessoas com acesso à internet, cerca de 50 milhões (40%) já ouviu algum podcast (IBOPE, 2019). A pesquisa do Ibope Inteligência indicou o público de podcast como majoritariamente masculino (52%), com uma média de 34 anos de idade, e pertencentes às classes A e B (58% e 38%, respectivamente). Desta forma, entendi que o momento seria oportuno para explorar o formato no jornalismo, uma vez que também estamos experimentando criações de podcasts de veículos como o jornal Folha de S. Paulo e a revista Piauí.

Vale destacar os podcasts “Maria Vai com as Outras<sup>3</sup>”, da revista Piauí, e “Mamilos<sup>4</sup>”, da produtora B9, como inspirações para a condução do meu trabalho. Ambos abordam temas relacionados ao universo feminino, mas se diferenciam em alguns aspectos, como o formato e veiculação. O primeiro tem episódios mais curtos, de cerca de 40 minutos; divisões em temporadas temáticas (ainda dentro do universo feminino); e acontece em formato de entrevistas. Já o segundo se apresenta em episódios longos, que variam entre uma e duas horas; episódios dispersos (também seguindo no tema central do universo feminino); e acontece em formato de mesa redonda com conversas entre as apresentadoras e convidados. Minha intenção foi utilizar alguns dos elementos de ambos: episódios mais curtos, divisões em temporadas; episódios seguindo uma temática central; abordagem em mesa redonda com conversas entre apresentadora e entrevistas.

---

<sup>2</sup> Disponível em:

<https://www.tecmundo.com.br/internet/146951-consumo-podcasts-brasil-crece-67-2019-aponta-pesquisa.htm>. Acesso em 02/02/2020

<sup>3</sup> Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/tag/maria-vai-com-as-outras/>

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.b9.com.br/shows/mamilos/>

## 5.. PROCESSO DE PRODUÇÃO

### 5.1. PRÉ-APURAÇÃO

O processo de pré-apuração se desenvolveu através de leituras em sites, materiais e artigos sobre o tema, a fim de entender o cenário do setor de Tecnologia da Informação no Brasil e, principalmente, em Florianópolis. As leituras também tiveram o intuito de entender como é a realidade das mulheres nesse setor e identificar suas dificuldades, conquistas, estímulos, debates e alternativas. Entre essas fontes que foram consultadas estão:

**“Observatório ACATE”** de 2018 e 2019, documentos com informações sobre o setor em Santa Catarina. Foram essenciais para entender a dimensão da área de tecnologia no estado e, principalmente, na Grande Florianópolis;

E-book **“Mulheres líderes na tecnologia: como promover a equidade de gênero e reter talentos nas empresas”**, um material com dados e depoimentos de mulheres atuantes no setor. Muito importante nesse processo para ter uma noção das principais situações vivenciadas por mulheres que trabalham na tecnologia e como elas fazem para se fortalecer;

Pesquisa **“Quem coda o Brasil?”**, que traz dados sobre a percepção das pessoas que trabalham na área de Tecnologia da Informação acerca da diversidade. O relatório contribui muito para entender a realidade do setor de tecnologia em comparação com outras áreas no Brasil, principalmente acerca das mulheres e de outras minorias;

**Artigos acadêmicos sobre gênero no mercado de trabalho.** Foram importantes fontes de consulta para entender conceitos e buscar informações sobre mercado de trabalho no país.

**Artigos e reportagens sobre mulheres no setor de Tecnologia da Informação.** Por estarem diretamente relacionados ao tema, contribuíram para maior entendimento do recorte de gênero no setor de TI, além de trazerem dados e depoimentos.

**Estudos e pesquisas relacionadas ao tema,** para entender através de dados o cenário.

A partir das leituras dos materiais listados acima, foi possível delimitar quais seriam os principais pontos a serem abordados no podcast. Pensando que o foco é para um público interessado no tema, porém em diferentes níveis de conhecimento sobre o assunto, entendi que inicialmente deveria abordar a importância do debate para, depois, focar em recortes mais específicos. Elenquei alguns assuntos que apareceram em diversos materiais e que classifiquei

como importantes de serem abordados:

1. **Estímulos na infância, formação escolar e acadêmica** – dados consultados mostraram que 8 em cada 10 estudantes matriculadas em cursos de Tecnologia da Informação desistem dos cursos ainda no primeiro ano (IBGE, 2009); além disso, 75% dos estudantes de cursos STEM (computação, ciências, engenharias e matemática) em Santa Catarina são do sexo masculino (ACATE, 2019).
2. **Liderança** – a maior parte das lideranças em empresas de tecnologia são homens, o que, conforme relatos de mulheres nos materiais consultados, acaba sendo mais um desafio para a equidade de gênero no setor; isso porque acaba, subjetivamente, interferindo desde a contratação de funcionários até seu desenvolvimento; além da questão de referências e inspirações.
3. **Recorte étnico-racial** – a partir das leituras, foi possível verificar depoimentos enaltecendo que mulheres negras na tecnologia, além de enfrentarem desafios por questões de gênero, também passam por questões singulares relacionadas à sua etnia (PRETALAB, 2018).
4. **Maternidade** – também pude notar, a partir de dados e depoimentos das leituras, que em ambientes de trabalho e áreas majoritariamente masculinas a maternidade é um fator que acaba interferindo no dia a dia, no desenvolvimento de carreira e até mesmo na empregabilidade de mulheres;
5. **Outros fatores de diversidade** – estudos comprovaram que empresas com maior diversidade têm mais rentabilidade nos negócios, porém ainda assim pessoas que moram em bairros periféricos e vulneráveis, com algum tipo de deficiência, indígenas, com orientação sexual diferente de heterossexual e pessoas com gênero diferente de homem e mulher são minoria em equipes de tecnologia (PRETALAB, 2018).
6. **Grupos de fortalecimento** – a partir das pesquisas descobri que, a fim de diminuir, entre outros, os fatores acima listados, assim como fortalecer a presença feminina na tecnologia e desenvolver umas às outras pessoal e profissionalmente, diversos grupos de fortalecimento foram criados por mulheres ligadas à tecnologia e vêm ganhando força no país e em Florianópolis.

Com essas informações, foi possível delimitar quais seriam os temas abordados em

cada episódio do podcast. Para o primeiro, como já citado, ficou definido que seria discutida a importância do debate sobre mulheres na tecnologia a fim de que o público entenda as discussões, dores e lutas femininas no setor. No segundo, as questões que surgem da base da educação de meninas até sua formação profissional, passando pela universidade até chegar em alternativas para mudar essa realidade. No terceiro, a diversidade de modo geral, englobando recortes de minorias em tecnologia, como mulheres negras, trans e mães, com o objetivo de entender como a discussão atinge diferentes perfis. No quarto, a liderança na tecnologia, trazendo uma perspectiva de vivência de mulheres líderes. Por fim, no quinto e último, as alternativas encontradas por mulheres para enfrentar os desafios na tecnologia, com a ideia de fechar a série de episódios trazendo diversas iniciativas que atuam para transformar o cenário das mulheres no setor da tecnologia.

Com os temas definidos, era hora de buscar fontes em Florianópolis que teriam propriedade para falar sobre o assunto. Pesquisei em eventos que abordam o tema, programações de palestras, redes sociais, textos e reportagens mulheres que poderiam falar sobre cada um desses recortes. Também conversei com amigas e pessoas ligadas à tecnologia a fim de mais informações e contatos. Com isso, cheguei a 15 mulheres, a maioria com certa experiência em falar sobre o tema em eventos, palestras, rodas de conversa, etc. Abaixo, explico um pouco sobre o processo de pré-apuração das fontes e a forma de contato que fiz com elas, bem como seu perfil.

### **Episódio 1: Christiana Lima, Thienne Czizewski e Luiza Guerreiro**

Descobri Christiana Lima ao ler um texto dela no portal NSC Tech, no qual ela falava sobre sua experiência como a única mulher na comitiva que representou Santa Catarina na edição de 2019 do SaaStr, o maior evento de software como serviço do mundo, no Vale do Silício. Logo tive a ideia de chamá-la para o primeiro episódio, pois esse era um fato muito ligado ao tema e poderia ser um gancho importante para justificar, entre outros fatores, o debate sobre mulheres na tecnologia. Além disso, também vi que Christiana Lima era membro da Tech Power, uma iniciativa que tem por objetivo reunir e divulgar ações relacionadas à tecnologia para mulheres. Como tenho uma amiga no mesmo grupo, não foi difícil fazer contato com a fonte.

Encontrei Thienne Czizewski na programação do The Developers Conference, um evento que reúne milhares de desenvolvedores para falar sobre temas relacionados à área de tecnologia. Na edição de 2019, em Florianópolis, ela abordou o tema “Mulheres negras na



tecnologia” e, na época, compartilhou um artigo no LinkedIn sobre o mesmo assunto. Esse fato já me chamou atenção, mas ao pesquisar mais sobre ela descobri que Thienne atua como recrutadora em uma empresa de tecnologia, o que poderia ser um recorte muito interessante para o primeiro episódio. Afinal, traria o olhar de uma mulher negra que atua em um cargo crucial para a diversidade nesses ambientes, e que pode ser o diferencial para criar portas de entrada para outras pessoas.

Já a última fonte do primeiro episódio, Luiza Guerreiro, surgiu a partir de pesquisas na internet relacionadas ao tema. Meu objetivo era trazer alguma mulher membro do Mulheres ACATE, pois é um grupo de fortalecimento ligado à Associação Catarinense de Tecnologia e, portanto, com caráter institucional. Já que o episódio trataria sobre a importância do debate sobre mulheres na tecnologia, achei importante trazer esse recorte para demonstrar que as empresas e organizações também estão passando a olhar para o tema. Além disso, Luiza Guerrero é CEO de uma empresa de tecnologia, então poderia contribuir para o debate com o olhar de uma mulher líder e, assim elucidar também esse ponto de vista.

### **Episódio 2: Corinne Giely e Júlia Machado**

Ao pesquisar sobre iniciativas para estimular meninas na tecnologia, encontrei a ONG Inspiring Girls, que tem como objetivo contribuir com a formação profissional de alunas de escolas públicas entre 10 e 15 anos. No Brasil, é comandada por Corinne Giely, uma francesa que mora em Florianópolis e se dedica ao projeto. Quando conheci a ONG e a história de Corinne Giely não pensei duas vezes em convidá-la para participar do podcast, pois traria contribuições de como é atuar para trazer mais meninas para a tecnologia.

A segunda fonte, Júlia Machado, encontrei ao pesquisar sobre os grupos de fortalecimento para mulheres na tecnologia em Florianópolis. Ela é co-fundadora de uma das primeiras iniciativas, o Grupo Anitas e, além disso, atua em outras frentes ligadas ao tema. Júlia Machado é também embaixadora do Technovation Challenge Florianópolis, uma competição mundial que estimula meninas de 10 a 18 anos a desenvolverem habilidades de tecnologia, empreendedorismo e língua inglesa. Com isso, entendi que a presença dela seria muito enriquecedora no segundo episódio, trazendo também a experiência de contribuir para despertar o interesse de meninas na tecnologia.

Por coincidência, ao entrar em contato com Corinne, descobri que as duas são grandes amigas.

### **Episódio 3: Geórgia Barbosa, Natália Furtado e Mariana Belini**

Ao participar de um evento de inovação social, assisti uma mesa redonda sobre mulheres negras na tecnologia e uma das participantes era Geórgia Barbosa. Sua fala foi muito pertinente, embasada e didática – e isso me marcou. Ao elencar fontes para o episódio sobre diversidade, ela logo me veio à mente. Além de trabalhar em uma empresa de tecnologia, Geórgia Barbosa é fundadora do Afroricas, uma comunidade de mulheres negras para trocas sobre mercado de trabalho e desenvolvimento pessoal.

Outro recorte que eu tinha interesse em abordar no episódio sobre diversidade era sobre mulheres trans que atuam na tecnologia, por serem outra minoria no setor, terem ainda menos referências, e passarem por dificuldades e desafios singulares. Ao buscar como o tema é abordado para o público, encontrei o nome de Natália Furtado na programação do The Developers Conference que aconteceu em Florianópolis em 2019. Sua palestra era sobre o mercado de trabalho LGBTQIA+, o que vinha muito a calhar com a proposta do episódio. Natália Furtado é uma mulher trans, formada em engenharia de produção e programadora autodidata.

Por meio de pesquisas sobre eventos para mulheres na tecnologia com a temática maternidade encontrei o nome de Mariana Belini. Apenas por esse fato de ela já falar sobre o tema seria uma fonte que eu gostaria de chamar para o episódio sobre diversidade. Porém, ao pesquisar mais sobre ela, vi em uma rede social que ela havia recentemente sido contratada em uma empresa de tecnologia grávida de 5 meses – uma situação bastante singular. O fato apenas reforçou o interesse de chamá-la para abordar o tema no podcast.

#### **Episódio 4: Sonia Tuyama, Viviane Goulart**

Sonia é líder na empresa onde eu trabalho, porém de outras equipes, o que faz com que não tenhamos um contato próximo no dia a dia. Ainda assim, sua história sempre foi uma inspiração desde que comecei a trabalhar lá e, quando pensei em fontes para falar sobre liderança na tecnologia, o nome dela não saiu da minha mente. Em sua trajetória, Sônia desenvolveu dois softwares e hoje, além de trabalhar em melhorias para um deles, é Diretora de Produto e lidera uma grande equipe de tecnologia.

Já Viviane foi uma indicação de uma colega de trabalho, que também atua em debates sobre mulheres na tecnologia e conhece uma rede de contatos. Jornalista por formação, atualmente é gerente do Núcleo Digital da NSC Comunicação, liderando times multidisciplinares de tecnologia.

#### **Episódio 5: Bruna Gonçalves, Catarina Schein, Helena Cavalheiro, Lahana da**

## **Silva Limeira e Glenda Mello**

Conheci todas elas em um evento sobre mulheres que atuam na tecnologia do qual participei por conta do TCC. O evento, intitulado Bruxas da Tecnologia, era uma reunião de diversos grupos de fortalecimento feminino no setor e vi como uma oportunidade de encontrar fontes para o episódio que teria como temática central esses grupos. No evento, por meio de uma amiga, fui apresentada primeiramente à Helena Cavalheiro e, depois, às outras mulheres. Todas elas faziam parte da organização do evento e estavam lá por serem membros de diferentes grupos e organizações femininas na tecnologia em Florianópolis.

Helena faz parte do PyLadies (grupo voltado para mulheres que programam na linguagem de código Python) e da Tech Power (comunidade para conectar mulheres do setor da tecnologia em Florianópolis). Bruna, do Mulheres de Produto (comunidade nacional para pessoas que se identificam como mulheres que atuam ou têm interesse em tecnologia). Catarina, do Woman TechMakers (projeto da Google para dar visibilidade, recursos e estimular mulheres à tecnologia). Lahana, do JS4GirlsFloripa (evento voltado para mulheres que programam na linguagem de código JavaScript). Glenda, do RLadies (organização voltada para mulheres que programa na linguagem de código R).

Após conversar com cada uma para entender os grupos, as convidei para fazerem parte do último episódio a fim de mostrarem ao público os diferentes objetivos de cada organização, bem como seu funcionamento e impacto.

## **5.2. APURAÇÃO**

O processo de apuração ocorreu de forma semelhante em todos os episódios e com quase todas as fontes: encontros presenciais no estúdio do Laboratório de Radiojornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Optei por essa dinâmica, pois, assim, eu conseguiria garantir o formato escolhido, de mesa de debate, bem como a qualidade do áudio e o conforto para as entrevistadas. De todas as fontes que participaram da apuração, apenas Thienne Czizeweski não conseguiu comparecer no estúdio e falou por telefone – possibilidade garantida apenas porque pude contar com estúdio de gravação para captar a chamada. E, entre as fontes listada na pré-apuração, não compareceram: Mariana Belini, Lahana da Silva Limeira e Glenda Mello. As duas últimas por conta de agenda, e Mariana por questões de saúde (ela estava no oitavo mês de gravidez e um dia antes da entrevista foi orientada a ficar

de repouso médico).

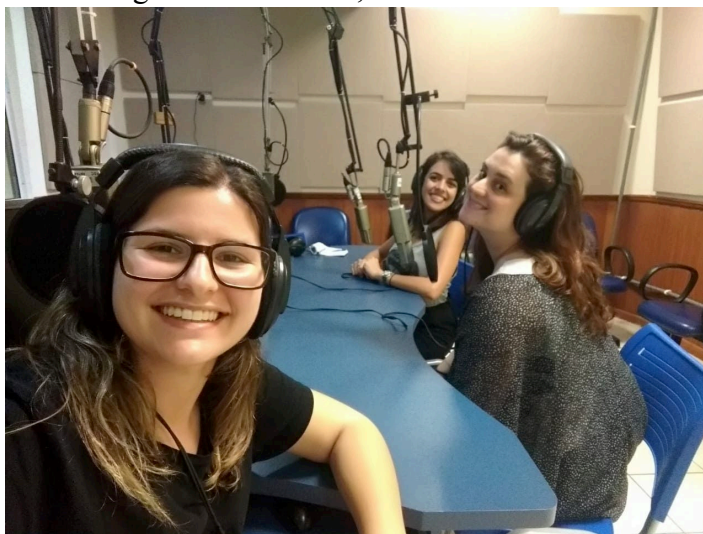
Para marcar as gravações, entrei em contato com cada fonte sugerindo horários da semana em que eu não tinha aula e o estúdio estava livre. Conforme as respostas delas, fui adaptando os horários e, posteriormente, reservando o estúdio com os técnicos Peter Lobo e Roque Bezerra. Em alguns casos, quando as entrevistadas respondiam fora dos horários da UFSC, precisei mandar mensagem via WhatsApp para garantir a reserva do estúdio e gravação. Marcados os horários, compartilhei com todas as fontes como chegar no estúdio, pois algumas delas não conheciam os prédios da UFSC. A organização nesse sentido foi fundamental para que as gravações não atrasassem, nem as fontes se sentissem desconfortáveis. Outro ponto importante da apuração foi que sempre marquei os horários no estúdio com certa folga, pensando no tempo da entrevista e na conversa pré-apuração, para alinhar a dinâmica e deixar todas as entrevistadas a vontade. Esse alinhamento foi muito positivo para que as fontes que não se conheciam ganhassem certa confiança e afinidade para dialogar depois.

As gravações aconteceram em formato corrido, sem cortes, e, em geral, tranquilas. Para garantir que o conteúdo se desenvolvesse e que as principais questões fossem levantadas, em cada episódio elenquei perguntas para fazer às entrevistadas. Em alguns casos ocorreu que, antes mesmo de eu perguntar diretamente sobre um tema, as entrevistadas acabavam falando uma resposta que encaixasse, fazendo com que eu adaptasse o rumo da conversa durante a gravação. Nesse sentido, o formato dinâmico contribuiu muito, pois em alguns casos consegui contribuir também e até mesmo reagir espontaneamente com as falas delas – o que também contribuiu para a narrativa do podcast tomar forma. A seguir, vou narrar um resumo de como foram as gravações de cada episódio, com fotos das entrevistadas que compareceram ao estúdio devidamente identificadas.

A primeira gravação foi no dia 30 de outubro de 2019, às 18h, referente ao primeiro episódio. Embora eu tenha chegado com antecedência, estudado o tema e lido todas as perguntas, ainda me sentia um pouco nervosa e insegura. Afinal, era a estreia das gravações e eu precisava ainda entender a dinâmica de como seria. Após a Luiza e a Christiana chegarem e eu estabelecer a ligação telefônica com a Thienne, expliquei como seria a gravação e iniciamos. Logo no início, tivemos uma falha de conexão da chamada de telefone e precisamos reiniciar. Na volta, porém, tudo correu normalmente e seguimos por cerca de uma hora. Após a gravação, aconteceu uma coisa que achei muito bacana: as entrevistadas ainda

ficaram conversando, me passando dicas de materiais sobre o tema e ainda trocaram contato para seguirem a conversa.

Figura 1 – Caroline, Luiza e Christiana



Fonte: Arquivo pessoal.

Já a segunda gravação foi no dia 20 de novembro de 2019, às 14h, referente ao segundo episódio. As fontes, Júlia e Corinne, já eram amigas e chegaram juntas ao estúdio. Logo conversamos sobre a dinâmica da entrevista e iniciamos. Embora eu ainda me sentisse um pouco nervosa para conduzir a entrevista, ocorreu tudo normalmente na conversa. Após encerrar a entrevista e ouvir a gravação, notei um pequeno problema: por termos gravado em horário de aula no Laboratório de Radiojornalismo, ficaram alguns breves ruídos ao fundo do áudio que ficaram levemente perceptíveis na conversa.

Figura 2 – Caroline, Júlia e Corinne



Fonte: Arquivo pessoal.

A terceira gravação foi referente ao quinto episódio e aconteceu no dia 27 de novembro de 2019, às 18h. Foi bastante dinâmica e sem problemas. Um ponto de destaque é que, diferente dos outros episódios – nos quais ainda estava entendendo o processo – me senti menos nervosa e mais segura para conduzir as perguntas e o rumo da conversa com as entrevistadas Helena, Catarina e Bruna.

Figura 3 – Caroline, Helena, Catarina e Bruna



Fonte: Arquivo pessoal.

No dia seguinte, 28 de novembro de 2019, aconteceu a quarta gravação, às 18h30. Foi referente ao terceiro episódio e as duas convidadas chegaram minutos antes da gravação. Como o estúdio ainda estava sendo ocupado, a conversa sobre a dinâmica da entrevista durou mais tempo – e foi um acaso muito positivo. Isso porque conseguimos alinhar as expectativas da gravação e deixar cada uma mais segura do que seria abordado. O tema tratado (diversidade) foi um dos mais delicados do trabalho e uma das entrevistadas, a Natália, tinha pouca experiência falando em público sobre o assunto. Assim, entre conversas informais, tanto eu, quanto ela e a Geórgia fomos conhecendo um pouco de nossas trajetórias e ganhando mais abertura e interação. Durante a gravação, o assunto rendeu ainda mais e garantiu um conteúdo muito rico.



Figura 4 – Caroline, Geórgia e Natália



Fonte: Arquivo pessoal.

O episódio que introduz o tema do podcast foi gravado no dia 23 de janeiro de 2020, às 10h. Como foi apenas a minha locução, consegui gravar mais de uma vez, testando ritmos e entonações de voz.

Por fim, a gravação final aconteceu no dia 06 de fevereiro de 2020, às 11h, referente ao quarto episódio. Inicialmente, o episódio foi descartado do produto final por conta da disponibilidade de tempo para a gravação. Porém, ao iniciar as edições dos materiais já gravados, senti que o assunto liderança havia sido muito citado entre as entrevistas, e seria essencial para deixar meu trabalho mais completo. Assim, em meio à agenda bastante atribulada das duas entrevistadas, e minha também, conseguimos realizar a gravação um dia antes do fim do prazo para a entrega do trabalho.

Figura 5 – Viviane, Caroline e Sonia



Fonte: Arquivo pessoal.

### 5.3. EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO

Por conta das gravações terem acontecido sem cortes e de maneira linear, o processo de edição foi bastante prático. O formato me permitiu não precisar da transcrição de cada entrevista, pois elas já tinham uma narrativa e as falas se complementavam.

Comecei pelos primeiros episódios gravados. Inicialmente, ouvi e limpei as gravações, tirando ruídos, respirações mais pesadas, barulhos do ambiente que fossem muito marcantes, etc. Aproveitei o processo para organizar as falas de cada entrevistada em diferentes linhas do editor (utilizei o Adobe Audition), assim, caso fosse necessário separar ou inserir outras sonoras estaria mais fácil. Repeti esse processo com todas as gravações.

O próximo passo foi editar as locuções do episódio introdutório e das falas iniciais de cada episódio, gravadas apenas por mim. Repeti o processo de ouvir e limpar as gravações, bem como de ordenar as sonoras no editor. Feito isso, estava com todas as locuções prontas.

Depois, fui em busca de músicas para compor a trilha de abertura e vinhetas. Pesquisei músicas na biblioteca do YouTube, a fim de ter áudios com direitos autorais liberados e com o tom que eu queria: algo dinâmico para remeter à tecnologia e com batidas marcantes para identificar o podcast. Optei por duas músicas: “Arpy”, de Dan Henig, e “Frank's Last Chase”, de DJ Williams.

Tendo todos os elementos necessários para editar os episódios, iniciei o processo de edição introduzindo músicas e vinhetas, bem como equalizando o volume das vozes. Repeti o processo sempre finalizando a edição, feita no fone, e ouvindo o episódio completo em uma caixa de som para ter mais noção de como ficaria a reprodução em diferentes aparelhos. Fui fazendo ajustes sempre quando notava alguma falha na edição e finalizando os cortes para dar ritmo ao programa.

Como finalizei a edição dos primeiros episódios ainda antes do fim do prazo, consegui editar e finalizar o último episódio, gravado perto do fim do prazo, antes da entrega. Outros fatores que foram essenciais para isso acontecer foram a gravação linear (formato escolhido de bate papo) e a estrutura pronta de edição, ou seja, as vinhetas de abertura e fechamento.

### 5.4 PROPOSTA DE VEICULAÇÃO

Pensando em um produto jornalístico completo, a veiculação do podcast se daria por meio de mídias digitais, em site próprio e plataformas de *streaming*.



Como o proposto nesse trabalho, os conteúdos apurados fariam parte da primeira temporada do programa, possibilitando, assim, a abordagem diversos recortes relacionados à temática, bem como discussões mais focadas.

Os episódios produzidos seriam veiculados com os seguintes nomes:

- **Episódio #0:** Apresentando Floripa, a ilha da tecnologia (05 min 32 s)
- **Episódio #1:** Por que, afinal, falar sobre mulheres na tecnologia? (43 min 34 s)
- **Episódio #2:** Lugar de menina é... na tecnologia (também) (27 min 09 s)
- **Episódio #3:** O papel da diversidade na tecnologia (45 min 49 s)
- **Episódio #4:** As lições das mulheres líderes na tecnologia (38 min 04 s)
- **Episódio #5:** Grupos de fortalecimento feminino na tecnologia (41 min 33 s)

Para a finalidade deste documento, o trabalho completo pode ser encontrado por meio dos links:

- <https://soundcloud.com/caroline-selbach/sets/mulheres-na-ilha-do-silicio>
- <https://drive.google.com/drive/folders/1BJ9lWPnRwJWmlr4lgrg2PegGphvgr2eY?usp=sharing>

## 6. RECURSOS

Os recursos utilizados para a produção deste trabalho foram próprios e da própria universidade. Para pesquisa e pré-apuração, consultei materiais via internet e também na Biblioteca Universitária. Não tive custos nesse processo.

Na apuração, o maior recurso utilizado foi o estúdio do Laboratório de Radiojornalismo da UFSC, que não gerou custos financeiros. Também foi utilizado nesse processo um HD Externo Seagate 1TB Expansion, adquirido pelo valor de R\$ 290,00. Para o deslocamento para as gravações, foram gastos cerca de R\$ 30,00 em gasolina.

Para edição e finalização foi utilizado um notebook próprio, adquirido antes deste trabalho modelo Acer Aspire E5-571-51AF Core i5-5200U, de 2015. Além disso, foi adquirida uma assinatura do software de edição Adobe Audition, plano mensal, no valor de R\$ 135,00; e também um fone de ouvido modelo Sony Extra Bass Mdr-xb450ap, no valor de R\$ 42,00.

Por fim, para a veiculação, foi elaborada uma ilustração de capa no valor de R\$ 70,00. Além disso, não houveram outros custos para veiculação.

O custo total para a execução do projeto foi de R\$ 567,00, arcados pela autora.

## **7. DIFICULDADES, DESAFIOS E APRENDIZADOS**

Uma das maiores dificuldades desse processo, que me acompanhou desde o início, ainda na disciplina de Planejamento de TCC, foi a busca por dados e fontes para checar informações. Acredito que por ser uma área que teve grande crescimento em pouco tempo, ainda não há uma base sólida para comparar informações, tampouco definições corretas sobre cada aspecto. Em vários momentos me vi confusa tentando entender se alguns dados eram sobre mulheres que atuam na parte técnica da tecnologia (ou seja, programadoras e desenvolvedoras), ou se era sobre o mercado em geral. Além, é claro, em relação a confiabilidade das informações.

Outra dificuldade foi conciliar os horários que englobassem todas as necessidades para a apuração: disponibilidade no estúdio, que conta com horários fixos para programas, projetos e aulas; disponibilidade das próprias convidadas, que trabalham, tinham seus projetos, famílias e rotinas, e precisavam se deslocar até a UFSC; e minha, por conta da rotina de trabalho de oito horas por dia e das três disciplinas cursadas ao longo do semestre.

Um desafio que merece destaque foi o de lidar com as inseguranças que tive diante do tema e, principalmente, do formato. Do tema, pois, assim que comecei a pesquisar mais sobre, encontrei diversos materiais jornalísticos falando sobre essa temática, recebi de amigos links com produções sobre mulheres na tecnologia, descobri projetos de comunicação relacionados ao assunto e, por um momento, achei que estaria falando sobre algo que já estava batido. No entanto, esse desafio da insegurança com o tema foi superado porque encontrei poucos conteúdos no formato que eu gostaria de produzir – e nada da forma como pretendia abordar. Ou seja, ainda seria um material inovador. Com isso surgiu outro grande desafio: propor um formato relativamente novo, que tem muitas possibilidades a serem exploradas e que não segue um padrão. Como não fazer que um podcast focado em jornalismo não vire entretenimento? Como trazer as informações de forma natural? Como criar essa narrativa? Como fazer conteúdo sério em um formato dinâmico? Diversas questões surgiram ao longo do processo. Porém, novamente o desafio foi superado. Ao iniciar as entrevistas, ainda com essas inseguranças, vi que não cabia apenas a mim trazer informações e dados. Pelo contrário, as fontes eram quem mais sabiam sobre o assunto. Eram elas que participavam de discussões sobre o tema. Elas que vivenciavam aquelas experiências. E elas que traziam histórias reais, cheias de riqueza e singularidades.

E foi dessa conclusão que tirei aquele que considero o grande aprendizado da experiência deste trabalho: por mais que se pesquise e leia sobre um assunto, a fonte entrevistada sempre vai contribuir com algo novo, sempre vai agregar informações e vai sempre compartilhar uma boa história. Agora, ao final, vejo que o processo deste TCC foi exatamente assim. Ao iniciar pesquisas e leituras sobre o tema, achei que iria encontrar muitos insumos para garantir as informações necessárias. Porém, ao falar com as fontes sempre fui descobrindo coisas únicas, detalhes que cada uma carrega consigo e que impactam no todo.

Ainda assim, não descarto da minha lista de aprendizados a importância de uma boa pré-apuração. Para esse formato, inclusive, é essencial, pois garante que as gravações vão ocorrer da maneira esperada. Além disso, é a melhor forma de encontrar a fonte certa para o que se espera, ou que precisa ser captado. Nesse processo, a leitura sobre o tema e a pesquisa de fontes que falassem sobre cada assunto foram fundamentais.

Por fim, destaco dois aprendizados do fazer jornalístico: a qualidade da captura dos materiais e a prática do repórter. A qualidade, pois com materiais bons são necessários poucos ajustes de edição e finalização – além de garantir uma melhor experiência para quem for consumir o conteúdo. E a prática, pois é o que dá segurança para uma boa condução de entrevistas e diálogo com as fontes, fazendo com que sejam feitas as perguntas certas, nos momentos certos.

## 8. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rodrigo Fronza de. **O futebol americano no Rio Grande do Sul e a divulgação da Rádio Gaúcha em Podcast**. 2018, p. 78. TCC (graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo. Porto Alegre, 2018.

ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE TECNOLOGIA. **Observatório ACATE: Panorama do Setor de Tecnologia de Santa Catarina 2018**. Disponível em: <https://www.acate.com.br/wp-content/uploads/2018/11/ACATE-Observat%C3%B3rio-2018.pdf>.

ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE TECNOLOGIA. **Observatório ACATE: TECH REPORT 2019 Panorama Setor de Tecnologia Catarinense 2019**. Disponível em [https://7293447a-5635-43a0-9adb-47f0f23fcca5.filesusr.com/ugd/873631\\_8893325e2f204ffc8e1c5b477c175f1e.pdf](https://7293447a-5635-43a0-9adb-47f0f23fcca5.filesusr.com/ugd/873631_8893325e2f204ffc8e1c5b477c175f1e.pdf).

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PODCASTERS. **PodPesquisa 2018**. São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.abpod.com.br/media/docs/PodPesquisa-2018.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2019.

CASTRO, Barbara Geraldo de. **Afogados em contratos: o impacto da flexibilização do trabalho nas trajetórias dos profissionais de TI**. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/280163/1/Castro\\_Barbara\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/280163/1/Castro_Barbara_D.pdf). Acesso em 13 de maio de 2019.

DEVELOPMENT DIMENSIONS INTERNATIONAL. **Global Leadership Forecast**. 2018. Disponível em: <https://www.ddiworld.com/glf2018>. Acesso em: 28 de janeiro de 2020.

FAGUNDES, Daiani. **A influência do gênero sobre a trajetória profissional de mulheres trabalhadoras no setor Tecnologia da Informação: Um relato a partir de suas histórias de vida**. 2017. 101 p. TCC (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Curso de Administração. Florianópolis, 2017.

FERRARRETO, Luiz Arthur. Rádio contemporâneo: o modelo de negócio e o poder de referência do meio sob tensão. **Revista Eptic**. v. 21, n. 2, p. 155 - 167. mai-ago. 2019.

FERREIRA DE SOUZA, Raone. **Usos e possibilidades do Podcast no Ensino de História**. 2016, p. 106. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, 2016.

GUTIERREZ, Regina Maria Vinhais; ALEXANDRE, Patrícia Vieira Machado. **Complexo eletrônico: introdução ao software**. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 20, p. 3-76, set. 2004. Disponível em: [https://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set2001.pdf](https://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set2001.pdf). Acesso em 15 de janeiro de 2020

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) – Síntese de indicadores 2009**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv45767.pdf>. Acesso em 13 de maio de 2019.

ISACA. **Women In Technology Survey**. 2017. Disponível em: <https://www.isaca.org/-/media/info/2017-women-in-technology-survey/index.html>. Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. O podcast no Brasil e no mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2010. 1 CD-ROM.

MCKINSEY & COMPANY. **Delivering through Diversity**. 2018, p. 42. Disponível em: <https://www.ifsskillnet.ie/wp-content/uploads/2019/01/Delivering-Through-Diversity.pdf>. Acesso em: 28 de janeiro de 2020.

UPWIT. **Mulheres Líderes na Tecnologia**: como promover a equidade de gênero e reter talentos nas empresas. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/0BxIIULBUvYsec1JQeWJ0VXcxbGM/view?\\_ga=2.241433602.1053102392.1557681717-442038704.1557681717](https://drive.google.com/file/d/0BxIIULBUvYsec1JQeWJ0VXcxbGM/view?_ga=2.241433602.1053102392.1557681717-442038704.1557681717). Acesso em 13 de dezembro de 2019.

SARDENBERG, Cecília M.B. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista**. In: I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres, 2012. Salvador, Bahia. p. 10. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6848>

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: Uma categoria útil para análise histórica**. Cadernos de História UFPE, p. 9-39, 1990. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf). Acesso em: 21 de janeiro de 2020.

SOUSA, Carolina Vieira Rocha de. **Podcast: novas possibilidades para o radiojornalismo na era da convergência midiática**. 2017. 61 p. Monografia (Graduação) - Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2017.

SOMMER, Beatriz Miranda. **Desigualdade de gênero no mercado de trabalho: percepções de estudantes de Administração durante a experiência de estágio**. 2018, p. 120. TCC (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Curso de Administração. Florianópolis, 2018.

VICENTE, Eduardo. In: Emergências periféricas em práticas midiáticas. **Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio**. São Paulo: ECA/USP, 2018. v. 1 p. 88 - 106. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/biblioteca/publicacoes/e-book/emerg-ncias-perif-ricas-em-pr-ticas-mi-di-ticas>.

PRETALAB/THOUGHTWORKS. **Quem Coda BR**. 2019, p. 40. Disponível em: [https://assets-global.website-files.com/5b05e2e1bfcfaa4f92e2ac3a/5d671881e1161a6d2b8eb78b\\_Pesquisa%20QuemCodaBR.pdf](https://assets-global.website-files.com/5b05e2e1bfcfaa4f92e2ac3a/5d671881e1161a6d2b8eb78b_Pesquisa%20QuemCodaBR.pdf). Acesso em: 18 de novembro de 2019.

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Caroline Copatti Selbach, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 15201481 declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "**Mulheres na Ilha do Silício: a presença feminina no setor de tecnologia em Florianópolis**" é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), "em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis".

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 07 de fevereiro de 2020.

*Caroline Copatti Selbach*  
Assinatura do(a) aluno(a)